

## **Teatro, lazer, cultura e identidade algumas questões sobre o espectador**

### **Theater, leisure, culture and identity some issues about the spectator**

Cristiana Gimenes Parada dos Santos<sup>1\*</sup> e Madalena Pedroso Aulicino<sup>1</sup>

---

#### **RESUMO**

Este trabalho se baseou em entrevistas realizadas como parte de uma pesquisa de mestrado em Estudos Culturais, com o objetivo de entender os motivos dos entrevistados para não irem ao teatro ou não irem com mais frequência. Foram realizadas 18 entrevistas abertas no total, com dois grupos: o primeiro de moradores da comunidade de Paraisópolis, na Cidade de São Paulo; e o segundo de moradores da Grande São Paulo, com perfil socioeconômico A, B1 e B2. O recorte que trazemos aqui é relativo à imagem do teatro como uma atividade de elite, tanto intelectual quanto econômica. Em alguns casos essa percepção surgiu como verdadeira, sendo a opinião dos entrevistados, e em outros foi citada como uma ideia equivocada, ainda que muito difundida. Como essa impressão exclui grande parte da população das plateias teatrais, propomos uma reflexão sobre as possíveis origens dessa imagem e formas de mudá-la.

**Palavras-chave:** Lazer; Identidade; Espectador; Teatro; Mediação cultural

---

#### **ABSTRACT**

This paper is based on interviews conducted as part of a Master's degree study in Cultural Studies, with the aim of understanding the interviewees' reasons for not going to the theater or not going more often. A total of 18 open interviews were conducted with two groups: the first was composed of residents of Paraisópolis, an informal settlement in the City of São Paulo; and the second of residents of the Metropolitan Region of São Paulo, with a socioeconomic profile A, B1 e B2. The focus we bring here is related to the image of theater as an elite activity, both intellectually and economically. In some cases this perception was stated as truth, that is to say the opinion of the interviewees, and in others it was cited as a mistaken idea, although a very widespread one. As this impression excludes a large part of the population from the gallery, we propose a reflection on the possible origins of this concept and ways to change it.

**Keywords:** Leisure; Identity; Spectator; Theater; Cultural mediation

---

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo.

\*E-mail: cristiana.gimenes@alumni.usp.br

## INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão que parte de entrevistas realizadas durante o processo de mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Buscando as razões dos entrevistados para não frequentarem teatro, ou para os frequentam, os motivos de não irem com mais assiduidade, realizamos um total de 18 entrevistas abertas (Autor, 2019). Elas foram divididas em dois grupos, 9 pessoas entrevistadas moram na comunidade de Paraisópolis na Cidade de São Paulo e, para ter uma comparação com outro perfil socioeconômico, as outras 9 pessoas, moradoras de diversos bairros da Grande São Paulo, pertencem às classes A, B1 e B2, segundo critérios da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP (2016). Os entrevistados são identificados aqui por um pseudônimo, seguido do grupo ao qual pertencem.

O mote das entrevistas era conhecer os hábitos culturais dos entrevistados e a relação desses sujeitos com o teatro, buscando levantar, inclusive, impressões e sensações, além das informações objetivas, especificamente os motivos para não irem ao teatro ou não irem com mais frequência. Evidentemente não chegamos a um resultado único nem a uma fórmula milagrosa para encher nossas salas de espetáculos, mas nos deparamos com algumas questões relevantes que, parece-nos, merecem ser compartilhadas com fazedores e pensadores do teatro.

A realização da pesquisa com os dois grupos de perfis distintos buscou justamente identificar o que há de específico em cada um deles, já que diversas pesquisas sobre hábitos culturais sugerem que a maioria dos frequentadores de teatro está entre os mais escolarizados e pertencentes às classes socioeconômicas mais altas. Entre essas pesquisas, está uma realizada na cidade de São Paulo pelo IBOPE Inteligência Pesquisa e Consultoria Ltda. (IBOPE INTELIGÊNCIA, 2017) e outra realizada em 12 capitais brasileiras, entre elas São Paulo (LEIVA; MEIRELES, 2018). Outro dado revelado por um desses estudos, que não é nada surpreendente, é que os entrevistados declararam que o que os faria frequentar mais atividades culturais seria: 41% preços; 20% proximidade de casa; e 14% facilidade de acesso/locomoção. (IBOPE INTELIGÊNCIA, 2017).

Escolhemos a comunidade de Paraisópolis para nosso estudo porque há um equipamento municipal de cultura no Bairro, o Centro Educacional Unificado (CEU) Paraisópolis, com oferta frequente de espetáculos e outras atividades culturais gratuitas.

Dessa forma, fatores como preço e distância ou dificuldade de locomoção não teriam tanta relevância, então poderíamos averiguar outros empecilhos. É pertinente ainda mencionar um dado mais surpreendente da citada pesquisa realizada em diversas capitais brasileiras: 58% dos entrevistados declararam ter alto interesse em espetáculos teatrais (LEIVA; MEIRELES, 2018). Na nossa pesquisa, das 18 pessoas entrevistadas, apenas uma declarou não ter interesse: “Eu não gosto dessas coisas não” (Ângela Paraisópolis). Ou seja, podemos começar a nossa reflexão deixando de lado algumas das ideias mais presentes no senso comum sobre os motivos da baixa frequência ao teatro. Pelo menos no caso de Paraisópolis, dinheiro e localização não são fatores primordiais e, no caso dos dois grupos, simples desinteresse também não.

Há uma questão muito pertinente, e também já bastante debatida, sobre a qual não podemos nos alongar aqui, sob pena de não dar conta do nosso foco principal, que é a questão da escolha. Para o sociólogo Dumazedier (2008), o tempo livre é o tempo outorgado ao indivíduo depois que ele se desincumbe das obrigações de trabalho, estudo, familiares e sociais; ou seja, o uso desse tempo é mais pessoal, passível de subjetividade. E acrescenta que

“A um mundo orientado no sentido da fabricação racional das coisas e da gestão racional das organizações, responde um outro mundo voltado para a livre expressão dos próprios seres e para relações afetivas com outros seres, como fim derradeiro, apesar dos condicionamentos sociais que se lhe opõem [...] O lazer é a revolta contra a cultura repressiva” (DUMAZEDIER, 2008 p.173)

Por outro lado, há praticamente um consenso de que essa liberdade é relativa, uma vez que é fortemente influenciada pela indústria do entretenimento, ainda que não completamente massacrada. Bourdieu (1983) traz uma ideia parecida, quando trata do conceito de *habitus*, um sistema de disposições não só determinado por inclinações individuais, nem apenas por questões sociais: “princípio das transformações das revoluções regradas que nem os determinismos extrínsecos e instantâneos de um sociologismo mecanicista, nem a determinação puramente interior mas puramente pontual do subjetivismo voluntarista ou espontaneísta conseguem explicar.” (BOURDIEU, 1983, p.76) Vale observar que o resultado dessa equação, não apenas no Brasil, é que “num contexto no qual é muito grande a liberdade de escolha e também poderosa a pressão exercida pelos divertimentos comerciais de nível medíocre, só uma minoria de cidadãos participa da vida cultural” (DUMAZEDIER, 2004, p.143).

## QUEM VAI AO TEATRO?

Após essa rápida contextualização do estudo que realizamos, voltemos ao nosso foco neste texto, que é a opinião dos nossos entrevistados sobre quem são os frequentadores de teatro. Nas entrevistas, além de deixá-los discorrer livremente sobre o tema *teatro*, fizemos algumas perguntas direcionadas, especialmente em busca das imagens relacionadas a esse universo, entre elas: “Que tipo de pessoa gosta de teatro ou que tipo de pessoa frequenta teatro? Complete a frase: Teatro é coisa de...” (SANTOS, 2019, p.40) Vejamos as respostas a essas perguntas específicas ou outros comentários sobre o tema, que apareceram no decorrer das entrevistas.

Vamos começar com o grupo de moradores de Paraisópolis, na ordem em que as entrevistas foram feitas. Para Ana Paraisópolis essa foi uma pergunta difícil: “eu sou péssima nesse tipo de coisa, viu”, mas acabou respondendo que “gente inteligente que gosta de teatro, entendeu?” Bia Paraisópolis: “De cara eu pensei: teatro é coisa de pessoas que pensam [...] Mas é preconceituoso. Não é exatamente isso. Teatro é coisa de quem tá atento.” E se explica melhor: “Eu acho que o teatro ele dificilmente ele toca, se você não tá disposto [...] querer ver”. Para Pedro Paraisópolis: “De todo tipo. Acho que vai de gosto. Talvez, as pessoas que estão lá preferem mais aqueles detalhes do teatro do que de um filme. Porque eu acredito que o teatro é algo mais... que nem um livro, um pouco mais detalhado, mais explicado.” Ângela Paraisópolis “Gente fresca. (risos) [...] Gente metida [...] Riquinho, fresquinho...” Lúcia Paraisópolis: “Classe média.” João Paraisópolis: “Eu acho que é coisa de uma pessoa mais alternativa mesmo. Não falar de uma pessoa riquinha... Tem muito pobre que gosta de teatro também e muita gente rica que não gosta.” Lucas Paraisópolis: “É muito de pessoa mais reservada, sabe, tipo desses casalzinhos assim... Tipo pessoa que tem mais cultura. Não que tem mais cultura [...] uma pessoa assim... a gente, sabe? (gesto indicando eu e ele) Pessoa que não sai de casa. Os adolescentes de hoje em dia só quer baile *funk*.” Mila Paraisópolis: “Eu acho que é de gente esperta, que quer saber mais coisas ainda, eu acho.” Mariane Paraisópolis: “o teatro abraça várias tribos, eu acho. Desde o roqueiro doidão, até pastor de Igreja, sabe?” E complementa:

Eu acho que se criou um mito de que teatro é uma coisa elitizada. Eu nem sei, porque eu não frequento esses teatros de elite, então... (risos) olha que contraditório. Eu acho que se criou meio isso. Acho que as pessoas crescem com outras prioridades. E acabam deixando de lado essa questão de vivência mesmo de outras coisas, como teatro, como ir ao cinema, ir num show. Mas

falando do teatro em si é um pouco mais difícil ainda. [...] Eu acho que nesses meus 29 anos... Antes de eu fazer teatro, minha mãe nunca falou “vamos assistir uma peça de teatro”. Ou eu fui ao teatro, ou vi uma peça de teatro. Então, isso é uma questão meio que é enraizada de família. Você cresce sem saber o que é aquilo, você não é apresentada pra esse mundo, você não vai procurar. E na comunidade, na periferia, isso é ainda maior, por conta das prioridades. Todo mundo prioriza o seu trabalho, quem tá em casa prioriza cuidar de casa. Se você não vivencia isso, você não proporciona isso ao seu redor. Acho que é meio isso. (Mariane Paraisópolis)

Desse grupo, apenas Mariane Paraisópolis, que é artista amadora, traz a questão do “mito de que teatro é uma coisa elitizada”. Duas outras entrevistadas acreditam que o público de teatro pertence a uma elite econômica: “riquinho, fresquinho...” ou “classe média”. Algumas falas relacionam esse público à questão intelectual, diretamente: “gente inteligente” ou “que quer saber mais coisas”. E outras falas aliam a questão intelectual a algo mais, que talvez pudéssemos chamar de sensibilidade: “quem tá atento”, “as pessoas que estão lá preferem mais aqueles detalhes”, “pessoa mais alternativa mesmo” “pessoa mais reservada [...] que tem mais cultura.”

Vejamos agora o grupo da Grande São Paulo. Para Kátia Grande SP: “Eu acho que tem aquele pessoal chique, que você não sabe dizer se aquela pessoa tá lá porque realmente ela gosta. Ou porque aquilo dá *status* pra ela.” Kátia percebe três tipos de perfis, os que vão por *status*, dependendo do tipo de peça; das pessoas que realmente gostam, como ela própria; e um terceiro “é um perfil de gente... *cult* [...] intelectuais ou metidos a intelectuais. Nem sempre são intelectuais, mas tão ali tentando se encontrar...” Marcelo Grande SP: “essa pergunta, não sei, me parece um julgamento. (risos) [...] as pessoas que iam lá, muita gente ia por uma questão de *status* [...] Tem muita gente que vai porque acha fino. E quer participar daquilo... quer parecer que é elite” E complementa: “Teatro é coisa de gente sensível, na realidade.” Paulo Grande SP: “De gente antenada. De gente que tá participando do processo cultural. Porque você se alienar é muito mais fácil.”

Tati Grande SP, tratando de outras questões, tocou nesse ponto: “eu vejo essa ideia, um senso comum, como se o teatro fosse uma coisa de elite [...] rica e intelectual”. Ela percebe que foi “criando-se um senso comum, de que teatro é coisa de gente rica. E às vezes, mesmo que tenha peças gratuitas [...] criou-se uma barreira como se o teatro só fosse pra um grupo de pessoas. E algumas outras não vão porque acham que aquilo não é pra elas. E elas não vão entender...” Mas respondendo à pergunta específica: “teatro é pra todo mundo. Deveria ser.” Fátima Grande SP relaciona sua resposta com a divulgação falha, que acaba atingindo apenas um mesmo nicho: “os artistas, a família dos artistas, os amigos dos artistas. Acaba ficando ali. Então, é o hábito. Como eu vejo isso? Pelos meus

alunos. Você não assina uma atividade complementar de teatro.” Rita Grande SP: “Eu acho que teatro é coisa de gente sensível e inteligente.” Antônia Grande SP: “Culturete. (risos) [...] Pode ser aquele que quer se dizer culto. E pode ser culto também. Mas acho que a pessoa muito inteligente não vai muito, ela lê mais, eu acho. Não sei se é assim, mas é o que eu penso.” Léo Grande SP, observa “que os teatros são muito concentrados no centro [...] eles dizem ‘professor, é muito longe, pra voltar muito tarde, quando acaba já não tem metrô...’ Então, parece que ficou uma coisa meio elitizada. Os espaços de teatro...” Mas acredita no poder transformador do teatro:

Qualitativamente, você caracterizar um perfil de quem assiste teatro, eu acho difícil. Porque eu acho que uma vez que uma pessoa entra e assiste a uma peça, ela sai de lá transformada. Então não importa qual origem socioeconômica, geopolítica que ela tenha. Se ela assistir o teatro, isso vai de alguma forma mudá-la, transformá-la. E ela vai começar a frequentar teatro. Então, talvez, algumas pessoas, talvez as mais escolarizadas, que tiveram apresentações de infância, que tiveram contato com outros meios, sei lá, conservatórios, escolas de circo, escolas de arte... talvez tivessem uma predisposição pra isso. (LÉO GRANDE SP)

Para Isa Grande SP, teatro é coisa “de artista. Intelectual... Mas dependendo do teatro, também, aquele teatrão, de pessoas pseudocultas, assim, que acham que tão indo no teatro pra assistir “Trair e Coçar...”, entendeu?

Como vimos, no grupo da Grande São Paulo as opiniões sobre os frequentadores de teatro são mais críticas. A percepção sobre o mito do teatro como uma atividade elitizada é bem mais frequente, seja diretamente, sobre “um senso comum, como se o teatro fosse uma coisa de elite”, seja na percepção de que muitas pessoas vão por acharem que aquilo lhes dará *status*.

Tivemos algumas percepções ácidas sobre o público, na questão da elite econômica: “aquele pessoal chique, que você não sabe dizer se aquela pessoa tá lá porque realmente ela gosta. Ou porque aquilo dá *status* pra ela”; ou “tem muita gente que vai porque acha fino. E quer participar daquilo... quer parecer que é elite”. E, diferente das opiniões do grupo de Paraisópolis, a questão da intelectualidade foi tratada com tom pejorativo em vários momentos: “*cult* [...] intelectuais ou metidos a intelectuais”; “culturete”; ou “pseudocultas”.

Mas também tivemos opiniões mais carinhosas sobre o público de teatro nesse grupo: “gente sensível, na realidade”; “gente antenada”; “gente sensível e inteligente”; “teatro é pra todo mundo. Deveria ser.” Ou ainda: “Se ela assistir o teatro, isso vai de alguma forma mudá-la, transformá-la. E ela vai começar a frequentar teatro.”

Mas enfim, a afirmação *teatro é coisa de elite* é falsa ou verdadeira? De onde vem essa imagem? Com relação ao fator econômico, diversos entrevistados concordaram que há valores muito altos para alguns espetáculos, e que, justamente esses, podem ser os objetos de desejo de potenciais espectadores, até por terem uma divulgação mais efetiva. Também surgiu a questão de que há uma concentração de salas de espetáculo em áreas nobres e/ou centrais. Mas, a percepção de que há opções gratuitas ou baratas em várias partes da cidade de São Paulo também foi recorrente. Já com relação à intelectualidade, apenas Isa Grande SP defende que tenha um fundo de verdade, pois o teatro exige uma capacidade de abstração a que muita gente não está acostumada:

O teatro não favorece a relação espaço-tempo... Tem uma limitação física muita clara. Então você tem que criar, simular... as pessoas têm que ser capazes de... Se for uma coisa muito explícita, provavelmente fica muito tosco, então não pode ser... E aí, nesse sentido, pensando em pessoas que eu conheço, muitas coisas que eu assisti, que eu gostei, muita gente ficaria perdida [...] para um povo que tá acostumado a ver novela... Acho que sim. Mesmo as peças mais... elas não são tão vazias assim. Não deveria ser. Se for, provavelmente também não vai funcionar. Se for uma coisa muito simples... Eu acho assim, uma história que fica bem numa novela... não é tudo que dá pra transpor pro teatro, vai ficar pior. Porque os recursos são... Então tem que ter alguma coisa de diferente, tem que provocar alguma experiência diferente. E essas experiências eu acho que não são pra todos. Podem ser, mas acho que não é da primeira vez. A pessoa teria que ter um aprendizado, então acho que a primeira experiência com teatro pode ser frustrante, daí a pessoa não insiste... (ISA GRANDE SP)

Entre os nossos entrevistados essa opinião foi única, porém trazemos aqui um pensamento de Bourdieu sobre a arte erudita, mas que pode ser transposto para o universo teatral e complementa essa ideia de Isa Grande SP: “as obras de arte erudita derivam sua raridade propriamente cultural e, por esta via, sua função de distinção social, da raridade dos instrumentos destinados a seu deciframento” (BOURDIEU, 2007, p. 117). Dizemos que complementa porque traz a ideia de que essa não é apenas uma característica da linguagem, como nos sugere Isa Grande SP, mas uma forma de proteção e manutenção desse acesso a um círculo restrito. Ou seja, faz parte do mecanismo de funcionamento desse campo o fato de ser para poucos.

É evidente que não podemos aplicar essas ideias ao campo do teatro como um todo, até porque, se existem criações feitas para iniciados, existem também produções mais acessíveis, inspiradas na cultura popular e até mesmo as que flertam com a indústria cultural, no sentido de reproduzirem fórmulas facilmente digeríveis. De toda forma, ainda que relativizada, vista sob diferentes perspectivas, a possibilidade de os próprios produtores dos espetáculos contribuírem para essa ideia do teatro como uma atividade

restrita a uma elite intelectual é uma reflexão a que artistas e estudiosos do teatro não deveriam se furtar.

Voltamos a Bourdieu, que trata do conceito de *distinções significantes* (2007, p. 14), explicitando que não é apenas a questão econômica que determina o *status*, mas também as relações simbólicas entre as classes. Dessa forma, valores, bagagem cultural, formas de agir e hábitos também determinam esse prestígio social. Essas ideias têm a ver com diversas falas dos nossos entrevistados que relacionaram a frequência a determinados tipos de espetáculos a uma forma de *status* social, ou ainda, que viam em alguns frequentadores uma tentativa de pertencer, ou parecer pertencer, a uma elite intelectual.

Vamos enriquecer essa reflexão questionando se essas relações simbólicas são também uma questão ideológica. Segundo Chauí (1982, p.7), “ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política.” O que queremos dizer é que é possível que faça parte da ideologia dominante a qual estamos submetidos a ideia de que teatro é uma atividade de elite, e nesse sentido, afastar a população da cultura seria uma forma de manutenção do *status quo*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos que pontuar que, em certa medida, não importa se a afirmação de que o teatro é uma atividade de elite é mito ou não, se tem ou não base na realidade. Porque, de toda forma, independentemente da veracidade dessas ideias, elas podem excluir grande parte da população das plateias dos teatros. Ou seja, pessoas com baixa escolaridade e/ou baixo poder aquisitivo, se acreditam que o teatro é uma atividade para uma elite, podem se autoexcluir, mesmo que inconscientemente. Até porque não ir ao teatro não passa necessariamente por uma decisão consciente, mas talvez apenas pela inação. Como colocou Pedro Paraisópolis: “Eu nunca acordei e tipo: hoje eu vou ao teatro.” Conforme enfatizou Mariane Paraisópolis, “é uma questão meio que é enraizada de família [...] Se você não vivencia isso, você não proporciona isso ao seu redor.”

Outra questão sobre a qual nos interessa refletir é: como podemos mudar essa imagem? A pergunta que fizemos aos entrevistados foi sobre o que poderia ser feito para as pessoas irem mais ao teatro, e entendemos que uma mudança na frequência, uma

popularização dessa atividade, levará a uma mudança na imagem. Traremos aqui as principais respostas de forma geral, pois foram bem semelhantes. Evidentemente nossos entrevistados não tem conhecimento prévio para tratar diretamente da questão da *mediação cultural*, mas ela ficou implícita em várias falas. Foi quase unânime entre os entrevistados que a escola teria um papel fundamental para a formação de público, tanto proporcionando que as crianças assistam a espetáculos, preenchendo uma lacuna muitas vezes deixada pela família, e assim criando o hábito; quanto ofertando cursos de teatro. Participar de aulas de teatro, ou de espetáculos como amador, seria uma forma de se apropriarem dos códigos da linguagem, de aprenderem a gostar e a admirar o trabalho dos artistas, tendo a consciência dos caminhos e da complexidade envolvida para se chegar até aqueles resultados. Em outras palavras, esses cursos os tornariam aptos a participar da tal elite intelectual que compreende e frui as obras teatrais. Essa ideia dos entrevistados procede, pois segundo a já citada pesquisa sobre cultura realizada em capitais brasileiras, 79% das pessoas que foram ao teatro pelo menos uma vez nos últimos doze meses tem ou já teve alguma experiência com alguma linguagem artística (LEIVA; MEIRELES, 2018, p.39).

Outra ideia quase unânime foi a de que a divulgação, vista como muito falha, poderia ter um papel importante não só pontualmente, para levar o público ao teatro, mas também para mudar sua imagem. Tanto a imagem do teatro como atividade elitizada quanto a imagem do teatro como algo **chato**. Para vários entrevistados esse é outro mito bastante difundido: muitas pessoas que não conhecem, que nunca foram ao teatro, acreditam que é chato, por puro desconhecimento. Evidentemente algumas peças podem ser chatas, mas seriam a exceção e não a regra, para a maioria dos entrevistados. E também a mediação, a arte-educação e a divulgação poderiam mudar essa imagem. Mas isso já é assunto para outro artigo.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA - ABEP. **Critério de classificação econômica Brasil 2016**. Disponível em: <http://www.abep.org/criteriobrasil>. Acesso em: 10 dez. 2017.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **Esboço de uma teoria da prática**. In: \_\_\_\_\_. Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.p.46-81.

- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia empírica do lazer**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva: SESC, 2008.
- IBOPE INTELIGÊNCIA. **Viver em São Paulo: Cultura**. São Paulo: Ibope Inteligência, 2017. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/viver-em-sao-paulo/>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- LEIVA, J.; MEIRELES, R. **Cultura nas Capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte**. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018. Disponível em: <http://www.culturanascapitais.com.br/como-33-milhoes-de-brasileirosconsumem-diversao-e-arte/>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- SANTOS, C. G. P. dos. **Impressões sobre o teatro: um estudo sobre lazer em Paraisópolis na cidade de São Paulo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Filosofia: Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-16072019-083810/>. Acesso em: 10 out. 2019.

*Recebido em: 12/03/2022*

*Aprovado em: 15/04/2022*

*Publicado em: 21/04/2022*